

ANNALENA MCAFEE

# Exclusiva

*Tradução*

Angela Pessoa

Luiz Araújo



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2011 by Annalena McAfee  
*É proibida a venda desta edição em Portugal.*

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

The spoiler

*Capa*

Kiko Farkas e Mateus Valadares/ Máquina Estúdio

Imagem de capa Corbis/ Latinstook

*Preparação*

Ciça Caropreso

*Revisão*

Jane Pessoa

Adriana Cristina Bairrada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

McAfee, Annalena

Exclusiva / Annalena McAfee ; tradução Angela Pessoa, Luiz Araújo. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

Título original: The spoiler.

ISBN 978-85-359-2123-6

1. Ficção inglesa I. Título.

12-06040

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa

823

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

# Um

*Londres, 17 de janeiro de 1997*

Ela dispunha de duas horas para ocultar os segredos de sua vida. Indícios de vaidade, insensatez ou coisa pior precisavam ser eliminados. A desordem doméstica não era uma preocupação; a empregada a remediara naquela manhã. E ainda que Honor Tait tivesse tendência ao desleixo, nunca fora colecionadora nem de pessoas nem de objetos. Divórcio, luto, um incêndio residencial, um temperamento irritantemente frio e os protocolos das viagens regulares garantiram que, para uma mulher de sua idade, os destroços fossem mínimos. Ela sempre viajara com pouca bagagem. Tanto no amor quanto na vida, era apenas bagagem de mão. Portanto, o que restara no apartamento de Londres? Que item inútil, que sobrevivente acidental do crivo do tempo a trairia?

Ofegante e dominada por um pânico fora do comum, ela passou os olhos rapidamente pelo aposento, examinando o mobiliário, as fotografias e as estantes de livros. A maior parte dos objetos pertencia a Tad, claro. Aquele fora o apartamento de sol-

teiro dele, depois se tornara a segunda residência de casado dos dois. Agora era seu cárcere de viúva. De certa forma, fora ele quem se encarregara da casa. Comprara pinturas, emoldurara fotografias, escolhera cortinas, ceder a capricho das estatuetas de Staffordshire e das porcelanas de Sèvres, sentira um estranho prazer nas duas poltronas puídas que encontrara em um antiquário em Edimburgo e passava horas silenciosas, como um monge medieval diante de seus manuscritos, examinando atentamente catálogos pesados com amostras de tecido. Mesmo no auge amigável do casamento deles, ambos consideravam Glenbuidhe, cerca de mil e duzentos quilômetros ao norte, com seus revigorantes desconfortos, a casa dela e Maida Vale, a dele. Assim como demonstrara pouco interesse em decorar o apartamento, Honor não sentiu a menor vontade de desmontá-lo — de atacar a coleção, como ele teria dito — quando ele morreu. Agora seria convocada a responder pelo espírito aquisitivo e pelo gosto questionável de seu falecido marido.

Objetos tão familiares que Honor já não os enxergava, livros e quadros colecionados ao acaso, presentes desprezados e quinquilharias, bagagem sentimental, tudo cuidadosamente espanado e reorganizado pela empregada, seriam manuseados, revelando minúcias. Muito já tinha sido dito e escrito a respeito de Honor; boatos, informações errôneas e deturpações haviam sido coligidos, retocados por sucessivos inquisidores e convertidos em fatos lapidares.

O artigo da *Vogue*, do qual Bobby a convencera a participar, ainda a aborrecia. Já fazia mais de um ano, mas ela se sentia furiosa, humilhada pela futilidade (e pela fotografia!) sempre que via um exemplar da revista — agora, invariavelmente em algum consultório médico. Ultrajar, menosprezar e interpretar mal com trezentas palavras era um feito e tanto. Houve aparições no rádio, no *Woman's Hour* (tanto barulho por uma participação

de oito minutos) e com Melvyn no *Start the Week*, no qual Honor disputara a palavra com um cientista deprimente, um clérigo que parecia convencido de que ainda estava no púlpito e um romancista com opiniões excêntricas sobre bem-estar animal.

Mais recentemente, tinha havido o *South Bank Show* (Melvyn outra vez. Será que não restara nenhum outro locutor sério?). Garantiram-lhe que o programa enfatizaria apenas seu trabalho — ela deixara claro que sua vida pessoal estava fora de cogitação — e bajularam-na para que pensasse estupidamente que o programa exaltaria seu “lugar como escritora no coração da história do século xx”. Em vez disso, a apresentação resumira-se a quê? Um cadáver velho e encarquilhado discorrendo na penumbra sobre eventos mundiais que já não significavam nada para ninguém; uma trêmula Miss Havisham recordando o casamento que nunca existiu.

A entrevista fora pontuada por filmagens e fotos de arquivo — da Escócia, Paris, Espanha, Alemanha e Los Angeles, com um cortejo de artistas, poetas, políticos, figurões de Hollywood e, sucessivamente, três maridos —, uma destilação burlesca de sua vida em seis minutos de imagens tremidas. Meticulosamente fiéis ao prometido, os produtores do programa de fato se eximiram de mencionar família, maridos ou amantes, mas o contínuo desfile de imagens foi menos discreto.

Pesquisadores haviam descoberto uma foto publicitária de Maxime agitando uma piteira como se fosse a batuta de um maestro, eclipsado pela própria sombra, exuberante como Noël Coward, embora carecesse de talento e entusiasmo, e certamente de testosterona. Sandor Varga apareceu duas vezes: elegante e saturnino como futuro marido de Honor em Basileia e, então, dez anos mais tarde, rechonchudo e presunçoso em Mônaco, com a prostitutazinha barata por quem a deixara. Tad, seu terceiro e último marido, bizarramente recebera menos atenção no

documentário do que a superelogiada atriz Elizabeth Taylor — o locutor incluiu uma referência idiota à “realidade de Hollywood” —, com quem Honor e Tad foram fotografados uma vez em alguma festa da indústria cinematográfica. O trabalho dele foi representado por dois videocliques de seus filmes, que se revelaram uma confusa catástrofe; fora de contexto, o humor parecera ainda mais pueril e forçado, as referências sexuais indispensáveis sugeriam repressão em vez de libertação. Ela se sentira ofendida pelo pobre coitado, a salvo de tudo aquilo no cemitério St. Marylebone.

Homenagearam sua vida profissional com algumas sequências de guerra — um material violento das linhas de frente em Madri, Polônia, Normandia, Buchenwald, Berlim e Incheon. Vultos imprecisos passaram rapidamente na casbá em Argel nos anos 1950 — mais gravações filmadas de arquivo — e mostraram uma fotografia piegas sua de fins da década de 1960, embalando um bebê assustado em um orfanato em Weimar.

Estudantes húngaros arremeteram contra tanques soviéticos em 1956 e treze anos depois (absurdamente comprimidos em três segundos na tela) seus colegas tchecos fizeram o mesmo, enquanto duas fronteiras adiante, em Paris, os filhos privilegiados — foram principalmente os filhos — da burguesia, futuros legisladores, acadêmicos, políticos e autoridades, brincavam de revolução, chutavam vitrines e arremessavam tijolos e bombas incendiárias em gendarmes proletários.

Uma foto de Honor despenteada e suja nos anos 1950, em uma trincheira coreana, retratava-a mais como uma debutante surpresa em uma embalagem de creme de beleza do que uma correspondente de guerra em ação. Na maioria das vezes, porém, os cliques exibiam uma jovem brilhante e bem tratada, com os cabelos lustrosos caindo graciosamente sobre os ombros, o sorriso parecendo uma tocha olímpica, desafiando toda e qualquer pessoa a não achá-la bonita, a não desejá-la, a admirar sua

inteligência e invejar seu sucesso. A justaposição dessa deusa luminescente e travessa com a pensionista alquebrada na entrevista filmada resultava em uma vanitas requintadamente cruel: um Ozymandias da Idade Moderna. Contemplem as minhas obras, ó poderosos, e desesperai-vos! Os amigos e amantes trazidos momentaneamente à vida na tela talvez fossem fantasmas agora, lodo em decomposição sob a terra, ou cinzas havia muito lançadas à atmosfera, mas o espectro mais repugnante de todos era Honor Tait, a sobrevivente, condenada a assistir, horrorizada, à sua própria e lenta atrofia.

Que coisa humilhante era a fama nos dias atuais. Surpreendia-a tantas pessoas parecerem ter pouca coisa melhor a fazer do que se sentar de boca aberta diante de programas de arte tarde da noite na tv. Ela fora reconhecida em todos os lugares — por motoristas de táxi, garçons, lojistas, estranhos em inaugurações de galerias, pedestres. Um operário de colete laranja, carregando traves de andaime, perto da clínica de seu médico na Wimpole Street, tocara seu capacete de proteção com a ponta dos dedos e gritara na direção dela: “Continue escrevendo!”.

Depois fora a vez de T. P. Kettering, o acadêmico bajulador que se apresentara como seu “biógrafo oficial” e, quando refutado, tentara se tornar um delator oficioso. Seu livro, publicado por uma obscura editora universitária com um título absurdamente grandioso — *Veni Vidi: Honor Tait, testemunha da história* —, era uma flácida colagem de artigos, neutralizada por advogados e fatalmente por um decreto insinuado por Honor de que aquele que desejasse manter alguma ligação com ela não deveria ter nada a ver com o livro em questão ou seu autor. Martha Gellhorn, Honor irritara-se ao descobrir, concedera a Kettering uma menção educada e falsamente respeitosa. O livro fora mal revisado. (“Há uma fascinante biografia a ser escrita sobre a extraordinária Honor Tait que nada tem a ver com esse livro insípi-

do”, escreveu Bobby no *Telegraph*.) O livro fora misericordiosamente esquecido, assim como o próprio Kettering. A satisfação de Honor em saber que ele deixara de beber e achava-se reduzido a *ghostwriter* na autobiografia de um jogador de futebol beirara a indecência.

Mas ela não podia extirpar seu nome do índice da biografia de outras pessoas ou dos recortes de jornal que constituíram a fonte de Kettering. Tampouco podia remover seu trabalho dos arquivos. Muito material já caíra em domínio público. Nesse momento, precisava preservar a pouca dignidade e privacidade que lhe restavam.

Ela precisava percorrer seu apartamento com o mesmo olhar de um estranho, de um estranho perigoso: um jornalista. Para ela, mais do que ninguém, isso não deveria ser difícil. Mas estava velha e fora de forma — não publicava uma reportagem original havia oito anos e seu último artigo, sobre a situação dos refugiados vietnamitas em Hong Kong, fora rejeitado pelo *New Statesman* seis meses antes, com uma carta de tirar o fôlego de tão bajuladora. O “Novo Jornalismo”, do qual fora considerada uma referência, havia sido substituído por formas ainda mais recentes, cujos princípios orientadores a confundiam. Como a *nouvelle vague* do cinema francês, ou as saias cintura de vespa do New Look da Dior, a marca distinta de Honor Tait do Novo Jornalismo — politicamente informado, verdadeiramente imparcial — era tão obsoleta quanto as capas protetoras para braços ou encostos de sofás nesta irônica era moderna. Apenas os intencionalmente arcaicos, os loucos nostálgicos que apreciavam o estilo *vintage* e a estética Bakelite respeitavam sua abordagem.

Ela permaneceu no centro do aposento, uma velha frágil e rabugenta, o cabelo em desordem, vestindo um roupão surrado de seda estampada. Acabara de desenvolver um tique esporádico, um tremor de assentimento com a cabeça que parecia se tornar



mais pronunciado quando estava agitada como agora e que dava a impressão de uma aprovação entusiástica, quando o oposto era invariavelmente o caso. A mão esquerda agarrou o espaldar de uma das preciosas poltronas de Tad e, firmando-se, ela virou devargar e estreitou os olhos azuis lacrimejantes, tentando captar o aposento como se o visse pela primeira vez, registrá-lo como se examinasse ilicitamente o diário íntimo de outra pessoa.

A começar pelas paredes: os quadros e as fotografias. Quanto tempo fazia desde que efetivamente olhara para aqueles objetos? A aquarela de ondas azinhavradas e montanhas apagadas — Antrim? O oeste da Escócia? Em todo caso, não era Loch Buidhe. Era agreste e descampado demais para ser aquele vale protegido. Outra compra impulsiva de Tad; irrepreensivelmente não biográfico e vergonhosamente inadequado. A jovem entrevistadora de Honor teria dificuldade em tirar conclusões depreciativas com base naquela rudimentar paisagem marinha, a menos que fosse uma conhecedora de arte, o que era pouco provável, dado o calibre do pessoal que trabalhava em jornal atualmente, ou, na verdade, da maioria dos jovens. Para o fornecedor de estereótipos rápidos, a cena talvez refletisse uma inclinação por pintores de domingo ou pela melancolia céltica. Totalmente errado, mas um equívoco inofensivo.

A aguada enganosamente simples de Tristão e Isolda poderia ser mais problemática. Tad tinha achado que sim. Seu primeiro impulso fora destruir o desenho, rasgá-lo em dois com suas mãos fortes, ou ao menos deixá-lo onde o encontrara — em uma pilha de papéis de Honor abandonados em Glenbuidhe. Mas o marido possessivo, que nunca fora íntimo de mais ninguém, furioso com a mulher, com quem se casara estando ambos na meia-idade, perdeu para sua deferência caracteristicamente americana com a fama. Foi Tad quem por fim escolheu a pesada moldura de ébano, após um grau de contemplação e diálogo

que não teria desabonado Platão, e colocou o desenho acima do console da lareira no apartamento, onde ainda se achava pendurado. O artista unira os amantes em uma única linha, e se um entrevistador examinasse a obra com atenção por um imperceptível momento — quando, digamos, Honor estivesse preparando chá na cozinha —, talvez detectasse a dedicatória do autor, escrita na vertical em sua diminuta letra de forma quadrada ao longo da linha do vestido de Isolda: *Para Honor, de Jean. Je t'embrasse*.

A história da amizade dos dois fora várias vezes regurgitada em biografias de Cocteau e em alguns perfis biográficos sobre Honor. Havia pouco tempo, Kettering tentara reaquecê-la e servi-la outra vez a um público apático. E o *South Bank Show* mostrara imagens estúpidas da festa para *Le Bel indifférent* — com Picasso tipicamente comportando-se como palhaço para as câmeras —, mas, seguindo à risca as condições de Honor, os realizadores do programa abstiveram-se de imputações ou comentários, utilizando, em lugar da narração informativa, uma sinuosa trilha sonora de guitarra de Django Reinhardt e do Hot Club de France. “Oh, Lady Be Good.” Uma exortação que não se ouvia com frequência nos círculos de Honor na época.

O curto período que passara com Jean precedera seu casamento com Tad — o último e melhor dos maridos — em muitas décadas, mas tempo para ele nunca fora o problema. Tampouco necessitava de provas de intimidade. O ciúme de Tad — retrospectivo, vigente e potencial — parecera-lhe uma manifestação de loucura que não se revelava em nenhum outro aspecto de sua natureza. Uma realidade perversa em um mundo bom.

Mas, sinceramente, que interesse uma história como aquela, de uniões e rompimentos repletos de detalhes, dependência de ópio e bebedeiras selvagens entre artistas e boêmios em Paris — quando? sessenta anos atrás? sessenta e cinco? —, poderia ter para os leitores da revista de domingo de um jornal inglês nos

últimos dias do milênio? Nos dias de hoje, arte era espalhar fluidos corporais sobre uma tela ou exibir fraquezas pessoais em benefício dos idiotas. Todos eram artistas agora; seguiam como gado, bebendo como Baco. O ópio, ou seu equivalente contemporâneo — era outra vez a cocaína? Ou o ecstasy? —, era servido em banquetes de industriais, jantares de balconistas e pubs de subúrbio. O escândalo de ontem era a nota de rodapé opcional de hoje. Quem, para dizer a verdade, se lembrava de Jean? E entre os poucos obstinados connoisseurs da obscuridade que se lembravam dele, quem se importava? O desenho podia permanecer. Além disso, era pesado demais para que ela o movesse sem ajuda.

Diante do Cocteau, em uma moldura de carvalho sem verniz, havia um implacável retrato a óleo dela, pintado dez anos antes, com um penteado formal, lábios carmesins e ar glacial. Era pouco lisonjeiro, até mesmo ameaçador, mas alguma coisa nele, sua sinceridade crua talvez, ou a indiferença atemporal de um ícone russo — A Tentação de Santa Honor, enfrentando incontáveis demônios invisíveis —, seduzira Tad, a despeito de sua essencial antipatia pelo artista. Daniel pintara o quadro em seu primeiro e, como ficou mais que sabido, último semestre na Slade. O último ano dele. Honor lutou para arrancar o quadro da parede, maldizendo o esforço que aquela simples ação exigiu dela. Mas ao encostá-lo no rodapé, ficou consternada ao ver que a pintura deixara um fantasmagórico retângulo de papel de parede escuro, como o segmento pungente no museu de Boston que aguardava o retorno do Vermeer roubado. A ausência do quadro possivelmente provocaria mais especulações do que sua presença. Melhor deixá-lo ali. Honor lutou para recolocá-lo no gancho. Seu coração começou a disparar de forma desconfortável, com uma pontada de dor a cada batida. Ela sentou-se para recuperar o fôlego.

Apesar da recusa inicial de Honor, sua editora a persuadira a receber a entrevistadora em seu apartamento. Não obstante todos os seus maneirismos maternos, Ruth Lavenham, fundadora e editora-chefe da Uncumber Press, era uma empresária dura como aço. A intromissão seria benéfica para as vendas do novo livro de Honor, argumentara Ruth. Igualmente benéfica seria a implicação, uma ameaça encoberta por um sorriso, para a Uncumber Press, um valente Davi para os Golias corporativos do mundo editorial. Honor tinha uma dívida para com ela. Havia dois anos, Ruth a salvara da falência, logo após a morte de Tad, com uma nova e elegante edição da primeira compilação jornalística de Honor, *A verdade, uma máquina de escrever e uma escova de dentes*, originalmente publicada na década de 1950 e havia muito esgotada. O livro, em sua segunda encarnação, incluiu seu relato, ganhador do prêmio Pulitzer, da libertação de Buchenwald e tornou-se um surpreendente *succès d'estime*. Honor Tait foi “redescoberta” e, de forma ainda mais gratificante, conseguiu pagar algumas dívidas mais prementes. A expectativa era a de que o novo livro, *Relatos de um posto obscuro: uma coletânea de Honor Tait*, repetisse o truque. E no ano seguinte, se tudo corresse bem, haveria um terceiro livro, com o título *O olho inflexível*, sugerido por Ruth e ao qual Honor se opusera.

“Ah, sem essa”, disse Ruth quando elas discutiram a campanha publicitária prévia de *Relatos*, “uma entrevista para a revista mais respeitada do país? No conforto de sua própria casa? Que mal há nisso? Em termos publicitários, é infinitamente melhor do que um anúncio de página dupla.”

E mais barato também. Portanto Honor capitulara. Mas sabia que era um equívoco. Nas poucas vezes em que consentira ser entrevistada, nunca havia recebido um repórter em casa. Mesmo o mais bem-intencionado dos jornalistas iria considerar o apartamento e seu conteúdo como a escotilha de sua alma, sem corti-

nas e iluminada no escuro. A conversa com Melvyn no *South Bank Show* fora filmada na Biblioteca de Londres, onde ela previamente concordara — em um momento de narcisismo imprudente, devidamente recompensado pela fotografia em si (uma máscara pavorosa de Halloween na sala de leitura do Inferno) — em posar para a *Vogue*.

Hotéis, terras de ninguém impessoais, despojados de marcas e lembranças, eram melhores para esses encontros. O mais perverso dos repórteres teria dificuldade em recriminá-la pelo tédio da decoração, pelas manchas no sofá ou pelo cheiro de mofo que pudesse estar impregnando o aposento. Ainda assim, em uma suíte comum toda de couro bege e cromo, onde os únicos livros nativos eram a Bíblia de Gideão e as Páginas Amarelas, era possível ser pego de surpresa, como o pobre John Updike. Honor lhe escrevera um bilhete de solidariedade depois que a repórter de um jornal descobriu uma cueca embaixo de uma cadeira no quarto de hotel dele, e em seu artigo usara a cueca branca como metáfora do que considerava a atitude negligente dos homens com o sexo refletida na ficção de Updike. Honor abominara o pedantismo. Ao menos, em seu apartamento, graças à empregada, não haveria nenhuma roupa íntima à vista.

Era uma técnica antiga: deparar com um objeto aparentemente insignificante e usá-lo para construir uma história psicológica barata sobre seu proprietário. De que outra forma resumir toda uma vida com base nas indicações de uma conversa de uma hora e em alguma pesquisa de dados na biblioteca de recortes de jornal? A própria Honor recorrera a essa prática mais de uma vez, especialmente quando o entrevistado era pouco acessível. Cada quinquilharia conta uma história. Mesmo no mais recente Novo Jornalismo, algumas coisas nunca mudam. Ela recordou sua própria emoção de caçadora quando descobriu a mula *netsuke* no escritório de MacArthur em Tóquio; o programa teatral de

uma paródia de Max Miller no reduto de Beckett em Montparnasse; um exemplar dos sonetos de Shakespeare ao lado da cama de hospital de Mme. Chiang Kai-shek; e a fotografia autografada de Ida Lupino no austero escritório de De Gaulle na época da guerra em Carlton Gardens.

Será que suas próprias fotografias, ainda na estante de livros e nas paredes, onde Tad as colocara originalmente, resistiriam a essa espécie de escrutínio? Uma foto em preto e branco retratava-a como uma jovem correspondente de guerra, ágil como uma leoa e elegante em um uniforme militar em meio a rapazes sorridentes e predestinados antes da Normandia. Ao lado dessa imagem, achava-se sua foto tradicional, feita para a *Collier's*, onde ela era vista sentada com Franco, recém-nomeado comandante geral das ilhas Canárias. Da cintura para cima, ela parecia recatadamente profissional, o bloco de anotações e a caneta em destaque, em uma postura de exagerada atenção, como uma estenógrafa dos anos 1930. “Anote uma carta, senhorita Tait.” Da cintura para baixo, era a própria corista. Suas longas pernas bronzeadas, em um shorts feito sob medida e sandálias de salto alto, pareciam emprestadas do Ziegfeld Follies. A fotografia fora distribuída em todo o mundo. “A Dietrich da sala de redação”, haviam-na apelidado. Tudo para publicação. Tudo parte do mito. A essa altura, nada mais podia ser feito sobre isso.

A foto adulterada do jantar à luz de velas — uma festa de arrecadação de fundos para o Partido Progressista —, tirada por paparazzi, talvez fosse mais controversa. Em sua versão não censurada, com Sinatra a seu lado, sussurrando-lhe ao ouvido, decerto o fora na ocasião. Ele era casado, mas estava saindo abertamente com Ava Gardner quando a fotografia foi batida, e as páginas de fofocas exultaram, ainda que no tom bajulador daquela época mais inocente; os mortais lançando olhares invejosos para o esporte dos deuses. Agora os mortais estavam em ascensão e os deuses

na reserva, bombardeados com legumes podres. Ela retirou a fotografia do gancho e segurou-a nas mãos, admirando — sim, por que não admitir? — a forma com que a luz caía sobre seus ombros, iluminando seu arranjo de gardênia. As flores eram macias e frescas como seu rosto jovem e inocente, aparentemente flagrado em estado de dissolução pré-coito. Como a câmera mente, e por vezes a nosso favor... Para os padrões da época, ela já estava um pouco passada; chegara aos trinta anos com uma guerra, um casamento infeliz e inúmeras ligações românticas irrefletidas atrás de si. Duas outras guerras — três, levando-se em conta a da Argélia — aguardavam-na um pouco adiante. Honor não se sentia disposta àquele tipo de noite — sua velha amiga Lois, que na ocasião trabalhava para o partido de Henry Wallace, a forçara a ir — e se irritara ao descobrir que o arranjo dos lugares a colocara ao lado não de Alvin Tilley, dramaturgo progressista, um dos Onze de Hollywood, mas do cantor romântico brega Frank Sinatra. Ficou claro que Sinatra tinha igualmente outros planos para a noite, embora tenha sido civilizado. A proposta sussurrada que a câmera registrou fora na verdade uma conversa sobre a Comissão Mista de Refugiados Antifascistas.

Duas décadas depois, em outro acesso de ciúme, Tad rasgou a fotografia ao meio, removendo o cantor, com seu sorriso de serafim caído, assim como os fotógrafos e fãs que o cercavam. A fotografia original, não editada, que continuava em circulação, pertencia a uma das grandes agências e fora usada no documentário recente. A posteridade, selvagemmente caprichosa, conservara incandescente na imaginação do público os dotes de 40 watts de Sinatra, ao passo que incontáveis talentos mais luminosos se extinguíram. E se a entrevistadora de Honor, que se chamava pateticamente Tamara Sim, percebesse que esta versão nas mãos de Honor fora alterada e concluísse que ela mesma, talvez uma amante frustrada, houvesse atacado a fotografia com a tesoura?

Será que a imagem lançaria a garota atrás de uma pista falsa? Honor não sentia o menor desejo de provocar nenhuma coceirinha de curiosidade no *The Monitor* ou em sua revista de domingo.

Às vésperas do novo milênio e a despeito da vida particular caótica, dos problemas de alcoolismo e de consumo de drogas de seus jornalistas, a despeito da disseminação das mais secretas práticas sexuais, os jornais que deparavam com alguma matéria sobre a mais branda inconveniência conjugal ainda reagem como solteironas eduardianas diante de seu primeiro exibicionista. Honor permitiria que esse jornal invadissem sua privacidade apenas até certo ponto e com uma única finalidade: vender o maldito livro. Ou, mais precisamente, fazer dinheiro e pagar algumas contas. Melhor manter-se a salvo. A fotografia deveria sair dali. Agarrando-a com força, outra vez ofegante, voltou a sua cadeira. Precisava se sentar.

A onze quilômetros de distância, em Hornsey, em uma rua estreita com casas de dois andares divididas, Tamara Sim estava sentada na perpétua obscuridade de seu apartamento no porão, piscando diante de um espelho. Havia batons espalhados como cartuchos de munição usados sobre a penteadeira e, junto a seu cotovelo, uma bateria de pincéis de maquiagem digna de um artista, enquanto ela se maquiava com o cuidado infinito de uma garota prestes a embarcar em seu primeiro encontro. O que, de certa forma, era verdade.

Quando a editora da prestigiada revista *S\*nday*, do *The Monitor*, enviou a mensagem perguntando se Tamara entrevistaria Honor Tait, ela respondeu no mesmo instante.

“É claro! A heroína da velha escola de jornalismo!! Eu ADORARIA fazer a matéria!!!!...”, Tamara começou a responder.



Na realidade, Tamara ficara surpresa de saber que a lendária repórter ainda estava viva. Seu conhecimento sobre a obra de Tait era limitado — um artigo sobre a mulher de um ditador chinês da década de 1950 fora um dos textos de seu curso de estudos de mídia. Segundo o conferencista, Tait conseguira emprestado um uniforme de enfermeira, introduzira-se no hospital onde a velha estava se tratando e passara uma hora ao lado da cabeceira da doente. A entrevista fora seca e inexpressiva como um artigo de fundo de um jornal de grande circulação, e Tamara chegara às provas finais sem de fato ler toda a matéria.

História chinesa, ou história em geral, nunca atraía muito Tamara. Aliás, nem heroínas da velha escola de jornalismo. Perfis exaustivos de escritores idosos não eram seu campo de ação habitual, e o prazo final — dali a três semanas — era apertado. Mas se entusiasmara com a concisa proposta de Lyra Moore, enviada ao computador da redação, para que escrevesse “quatro mil palavras sobre a vida e o trabalho de Honor Tait, prazo final 19 de fevereiro, para a edição de 30 de março da *S\*nday*, a fim de coincidir com o octogésimo aniversário de Tait e a publicação de seu novo livro”.

Tamara trabalhava quatro dias por semana no *The Monitor* como revisora de provas freelance e redatora ocasional para a *Psst!*, a revista de sábado do jornal, que publicava fofocas sobre celebridades e a programação de TV — uma versão grosseira e insolente da metafísica e arrogante *S\*nday*. O mundo descrito nas páginas de cores primárias da *Psst!*, povoadas de atrizes viciadas em sexo, cantores brigões, companheiras anoréxicas de jogadores de futebol e apresentadores de TV drogados, achava-se tão distante dos aristocratas intelectuais da *S\*nday* quanto Plutão. A revista de Lyra Moore, impecavelmente elegante e intelectual, era considerada a réplica britânica da *New Yorker*, com o apelo adicional de imagens. Suas páginas, macias e lisas, fazia pouco

tempo haviam apresentado uma reflexão de Umberto Eco sobre a estética medieval, uma dissertação de George Steiner sobre Kierkegaard e um ensaio de Susan Sontag sobre a potência da Polaroid, acompanhado de fotografias instantâneas — misteriosas, pessoais e pateticamente mal-arranjadas — batidas em março último pelos cidadãos recém-sitiados de Sarajevo. Tamara não conhecia nenhum dos três escritores e, embora houvesse feito o possível para se enfronhar em suas contribuições à *S\*nday*, não se sentia nem um pouco impelida a tentar conhecê-los através da leitura de seus livros. Mesmo que houvesse disposição, onde arranjaria tempo?

Tamara decidiu não usar o traço *vamp* do batom vermelho — acentuava seu herpes incipiente —, então secou os lábios com lenço de papel e optou pelo rosa-fosco. Hoje precisava projetar uma imagem. Arrumada, mas amigável. Saia marinho enfiada na altura dos joelhos, blusa branca de algodão, capa bege e escarpins de salto baixo — o tipo de roupa simples que a princesa Diana talvez usasse em uma visita oficial a um hospital infantil.

Tamara sabia que essa incumbência seria um teste de resistência. Exigiria também uma longa entrevista e o compromisso de transcrevê-la, um tamanho considerável e palavras polissilábicas, em um breve e revigorante espaço de tempo. Tinha plena consciência de que quatro mil palavras seriam um esforço para alguém mais habituado a produzir legendas de duas frases, listas de dez linhas ou colunas de dois parágrafos sobre os percalços das celebridades. Suas entrevistas ocasionais talvez alcançassem oitocentas palavras, e ela fora encarregada de produzir dois artigos de mil palavras cada um — um artigo pago com um dançarino transexual que dizia ter dormido com um apresentador de TV infantil e um relato sobre o filho adolescente usuário de drogas de um policial veterano — para o *Sunday Sphere*. Mas quatro

vezes esse tamanho? Isso implicaria muita digitação, sem mencionar a pesquisa.

Era desanimador, mas uma incumbência de Lyra Moore consistia no mais elevado elogio que qualquer jornalista poderia receber. Cinco anos depois do lançamento da *S\*nday*, seu título continuava a ser pronunciado com discreta reverência, apesar dos tropeços ocasionais no sinal tipográfico. Os esnobes admiravam a revista elegante de Lyra Moore por sua marca intelectual, ao passo que picaretas pragmáticos invejavam seu generoso orçamento. E como jornalista ambiciosa com extenso portfólio freelance, sem auxílio-doença, férias ou previdência social, sem acesso a nenhum tipo de investimento e com um irmão dependente, Tamara não podia se dar ao luxo de deixar passar essa oportunidade.

Preocupou-a que sua resposta, que digitara poucos segundos depois de ver a mensagem de Lyra brilhando na tela do computador, pudesse ter sido efusiva demais: “...eu ADORARIA fazer a matéria!!!!... Eu a admiro MUITO!... Estou VIBRANDO por tomar parte nisso!... Revista incrível!!!!... Escritores fantásticos!!!!...”. Será que a editora da *S\*nday* preferiria que seus colaboradores exibissem um distanciamento parecido com o seu? Por isso Lyra não tinha respondido essa mensagem nem nenhuma das mensagens e telefonemas subsequentes de Tamara? Seria possível, como no caso dos homens, alguém ser entusiástico *demaís*?

Como colaboradora semanal da *Psst!*, Tamara era uma “freelance fixa” que gozava da mesma segurança no emprego que um diarista em um canteiro de obras desonesto. Mas enquanto fosse útil e desfrutasse da proteção do editor da *Psst!*, teria um rendimento e uma mesa onde se sentar quatro dias por semana, de segunda a quinta-feira, o que lhe deixava três dias para buscar trabalho freelance em outro lugar. Escrevera matérias para o *Monitor Extra*, a seção diária de Espetáculos do jornal, conheci-

da como *Mez*, a cargo de Johnny Malkinson, de olhos encovados e viciado em adrenalina. Essas matérias consistiam sobretudo em listas, informações e opiniões do público obtidas através de telefonemas, mas ela estava granjeando alguma reputação — lançando-se, para além do *The Monitor*, a um número animador de revistas e jornais ávidos por matérias — como fornecedora confiável de material de apoio divertido e barato.

Tamara cumprira seu estágio — de três meses — no *Sydeham Advertiser* antes de avançar e tornar-se uma maleável colaboradora de boletins informativos de entidades profissionais e corporativas, entre eles o *Inside the Box: the Voice of the Cardboard Packaging Industry* [Dentro da caixa: a voz da indústria de embalagens de papelão]; *Glaze: the Chartered Institute of Food Stylists' Quarterly* [Coberturas: revista trimestral do instituto licenciado de estilistas de alimentos]; e *The Press: Trade Paper of the Laundry and Dry Cleaning Industry* [A Prensa: jornal comercial do segmento da lavagem de roupas normal e a seco]. Graduara-se trabalhando em jornaizinhos especializados em passatempos, destinados a alpinistas de fim de semana, praticantes de dança de salão e aficionados por periquitos-australianos, passara a revistas voltadas para o consumidor em geral — *Glow* e *Chicks' Choice* — e por fim, à custa de trabalho e adulação, abria caminho como freelance rumo às seções de notícias, páginas de espetáculos, colunas diárias, seções de viagens e suplementos de fim de semana em vários periódicos, tabloides e jornais regionais e nacionais. Todo esse processo a tinha equipado com um alicerce diversificado de conhecimentos, familiarizando-a com as vantagens das machadinhas de alumínio para escalada em gelo e das calças de polipropileno, os méritos relativos do tetracloreto de carbono e do percloroetileno, a diferença entre mambo e merengue, e a grafia correta de *Melopsittacini*.

No correr de suas obrigações, ela viajara em classe executiva e conhecera o mundo. Na Cidade do México, para onde fora enviada a fim de cobrir a ExpoPack 1995, saboreara *frozen* daiquiris e desfrutara de três dias de sexo às escondidas com um megavarejista de Nebraska; em San Diego, se apaixonara — uma paixão dolorosamente não correspondida — por um fotógrafo italiano durante a cobertura de um workshop de três dias sobre preparo de saladas; e nas ilhas Maurício mergulhara pela primeira — e última — vez em águas profundas durante uma conferência de medicina veterinária aviária sobre o tratamento clínico da megabacteriose. Tamara orgulhava-se de sua versatilidade profissional e, ao refletir sobre sua condição de “freelance fixa” da *Psst!*, via sua vida profissional como um espelho de sua vida amorosa — estava envolvida com várias coisas ao mesmo tempo, divertia-se e não se sentia pressionada a se comprometer até que a publicação certa surgisse e lhe fizesse uma oferta atraente. Só então, estaria preparada para analisar um esquema de trabalho sério, mais monogâmico. Se ao menos Tim Farrow, editor do *Sunday Sphere*, houvesse cumprido a promessa, ela agora estaria estudando uma solução satisfatória em ambas as frentes. Mas ele se revelara uma grande decepção.

Tamara não deveria pensar em Tim. Iria destruir sua maquiagem. Chorara por quinze dias e agora era hora de seguir para a frente e para o alto. A incumbência da *S\*nday* viera em boa hora. Uma porta se fecha, outra se abre. Ela cumprira seu árduo aprendizado nos contrafortes das publicações comerciais, mourejara para fazer sua parte limpando latrinas no acampamento base dos tabloides e agora, nesta etapa de sua carreira e com vinte e sete anos, podia mirar mais alto e apostar na *S\*nday*, o Chomolungma da indústria jornalística britânica. Com um pouco de perseverança, um trabalho fixo ou um gordo contrato

como freelance na revista mais admirada do Reino Unido seria facilmente seu.

Franziu as sobrancelhas para sua imagem no espelho. Desejava poder pagar um cabeleireiro. Suas luzes precisavam desesperadamente de retoque, mas o corte — uma aproximação popular do pajem de Diana — era bem gracioso. Pegou seu bloco, lápis e um gravador e os guardou na bolsa.

Honor Tait era extraordinariamente difícil. A própria editora da ex-jornalista reconhecia isso e a advertira que detalhes da vida particular de Honor estavam fora de cogitação. Mas Tamara estaria preparada. Tinha os artigos da biblioteca de recortes do *The Monitor* sobre a vida e o trabalho de Honor Tait, impressos das editoras, um exemplar prévio de seu novo livro e outra edição encadernada insossa — sinistra e compacta como um manual de sociologia — de uma antiga coleção do trabalho jornalístico de Tait, na qual aparentemente havia um artigo vencedor do prêmio Pulitzer. Embora Tamara não tivesse tido um momento sequer para examinar o material de pesquisa de forma minuciosa, já rabiscara algumas perguntas em seu bloco. Enquanto andava até o ponto de ônibus a caminho da entrevista, sentiu-se armada e pronta para o combate.